

Otto F. Kernberg

Perspectivas atuais da psicanálise

Neste número, **Percorso** publica uma entrevista com Otto F. Kernberg, realizada em São Paulo no último mês de março.

De origem européia, formado no Chile e radicado há longo tempo nos Estados Unidos, Kernberg é reconhecido por suas idéias originais tanto no campo da clínica quanto da teoria, e ocupa hoje um lugar destacado no meio analítico internacional. Entre suas atividades, conta-se a de docente no Instituto de Psicanálise sediado desde 1946 na Columbia University; este instituto surgiu das dissidências internas à New York Psychoanalytic Society, e em seu projeto se combinam formação de analistas e atividades de pesquisa universitária. A formação, sobre a qual Kernberg tem idéias bastantes definidas, é um dos temas abordados na entrevista. Ela focaliza igualmente a questão dos padrões profissionais, a situação da

Psicanálise nos Estados Unidos - assunto pouco conhecido entre nós - e as relações entre nossa disciplina e os problemas sociais e culturais.

No momento em que **Percorso** estava sendo impressa, Kernberg era candidato à presidência da IPA. O fato de este diálogo ter podido ser travado no clima em que o foi diz bastante sobre o quanto se caminhou, no movimento psicanalítico, desde o tempo dos anâtemas e das maldições - e isso tanto do lado da Associação Internacional quanto por parte de algumas instituições que não pertencem e ela, entre as quais o nosso Departamento.

Realização: Daniel Delouya, Decio Gurfinkel, Luiz Carlos Menezes, Renato Mezan e Silvia Leonor Alonso. **Tradução:** Marise Levy Wahrhaftig. **Edição:** Daniel Delouya, Decio Gurfinkel, Mara Selaibe, Ruben A. Trucco e Renato Mezan.

Percurso: Como o Sr. vê a situação da psicanálise hoje e, em particular, nos Estados Unidos, dadas as condições específicas que ali vigoram?

Kernberg: Há certos problemas que a Psicanálise enfrenta no mundo todo e outros que são mais peculiares aos Estados Unidos. Um problema que a Psicanálise enfrenta em todo o mundo é que, por uma combinação de razões, ela está sob ataque, nas elites culturais, na Universidade, na Psiquiatria, na Psicologia, e talvez menos nas Ciências Humanas. A situação não é totalmente negra, mas em geral, creio que predomina uma atitude negativa.

Acredito que isto derive de muitos fatores, cuja importância é distinta em diferentes países: há nos Estados Unidos uma importante tendência cultural anti-individualista e anti-subjetivista, uma espécie de hedonismo primitivo que vai contra a preocupação da Psicanálise pelo indivíduo. E também tem havido, do ponto de vista da Psicologia Social, um ressentimento com a Psicanálise por esta representar um tratamento caro, ser elitista e fechada, enquanto há grandes problemas de saúde a serem resolvidos. Havendo uma crise na Medicina, o fato de a Psicanálise estar, em alguns países, fortemente ligada à Psiquiatria e à Medicina a atinge de forma negativa. Onde há seguros sociais que pagam tratamentos psicoterapêuticos, tende a haver uma diminuição ou a eliminação desses pagamentos.

Dentro da Psiquiatria, há uma aceitação geral da psiquiatria biológica, o que, teoricamente, não tem por que ser uma ameaça para a Psicanálise. Na prática, porém, isso leva muitas vezes a uma aura ideológica "biologizante" como oposta a "psicologizante". A meu ver, especialmente onde a psiquiatria biológica tem um aspecto relativamente ingênuo, primitivo, empírico, esta tendência é maior. Onde

há uma grande sofisticação da Psiquiatria biológica, a situação é diferente. Saindo do geral para algo bem concreto, um exemplo se encontra em meu próprio departamento de Psiquiatria, cujo professor-chefe é neste momento o destacado neurocientista Jack Parkas. Parkas tem clara consciência de que a Psicanálise constitui uma ciência básica dentro da Psiquiatria, tanto quanto a biologia molecular.

“ A rigidez e o autoritarismo da educação psicanalítica levam os institutos a se dedicar mais à transmissão do que à criação. ”

Dentro da Psicologia, também tem havido um ataque teórico e prático. Teórico, do ponto de vista do empirismo que sempre caracterizou a Psicologia americana: é uma psicologia cognitiva, conductista. Ela se vê como competindo com a Psicanálise, do ponto de vista prático, como meio terapêutico, e do ponto de vista teórico, no sentido de um esforço para elaborar teorias psicológicas que correspondam a técnicas cognitivas e condutistas de tratamento. Felizmente estas teorias, a meu ver, não vão muito longe, e não tenho nenhuma dúvida de que a

Psicanálise constitui a teoria mais rica, complexa e promissora de personalidade; porém na prática existe esta competição. E nos Estados Unidos isto é importante, porque a Psicologia Clínica de alto nível que se ensina é uma Psicologia dominada por essas correntes.

Bem, estes são fatores externos. Creio que há também aspectos internos da Psicanálise que contribuíram para a crise: uma certa rigidez, um autoritarismo da educação psicanalítica encontrado nos institutos, levando-os a se dedicarem mais à transmissão do pensamento do que à criação de novos conhecimentos psicanalíticos. Com o enfraquecimento da força da Psicanálise na Universidade americana, em teoria a Psicanálise dependeria mais dos institutos psicanalíticos para seu desenvolvimento científico. Mas estes institutos têm mantido, em alguns países mais do que em outros, uma atitude defensiva, internamente hierarquizante e restritiva, e isolada do exterior. Onde tem se preocupado com suas aplicações sociais, com suas relações com o meio ambiente, e onde tem se apresentado aberta à interação com o ambiente, a Psicanálise tem tido mais força do que em países onde vem se mantendo mais fechada.

Bem, estes são alguns fatores gerais. O ponto seguinte seria a situação dos Estados Unidos. Dentro dos Estados Unidos, toda esta situação de ataque à Psicanálise é intensa, porque nos meios de saúde existe uma redução importante de recursos, o que é um problema universal no mundo ocidental. Fatores econômicos são importantes, e creio que o aumento do custo relativo da preservação e manutenção da saúde é um fenômeno que não se pode controlar: no fundo, o progresso do conhecimento médico faz com que as pessoas, em vez de morrer jovens e sãs, agora cheguem a ficar

velhas e doentes. O fato de estarmos preservando a saúde e estendendo a vida significa dedicar muito mais recursos para preservar a saúde, para curar, para tratar. Isto significa mudança na alocação dos recursos da humanidade, e o modo como isto é enfrentado neste momento é através de um racionamento; todo o problema são os critérios com que se vai racionar, e isto está nos atingindo indiretamente. Nos Estados Unidos, neste momento, há um esforço de racionar a saúde com o desenvolvimento de um sistema burocrático louco, que está atingindo de forma negativa os setores que social e culturalmente sempre foram os negativos: está prejudicando os velhos, as crianças e os loucos. Quer dizer, os recursos destinados à pediatria, à geriatria e à psiquiatria estão diminuindo.

Há uma crise no atendimento psiquiátrico nos Estados Unidos. Antes de vir aqui, estivemos praticamente dois dias inteiros sem dormir, tentando reduzir em 20% o orçamento do hospital que dirijo. O fato de que a psiquiatria norte-americana seja fortemente biologicizante está atingindo negativamente a Psicanálise, reforçado pelo fato de que na geração anterior, na qual havia muitos professores psiquiátrico-psicanalistas, existia uma tendência da Psicanálise se fechar, não participar no esforço de investigação e de comunicação interdisciplinar. Do ponto de vista positivo, há o começo de uma consciência na comunidade psicanalítica norte-americana de que é importante voltar a se relacionar com seu meio ambiente, de que há necessidade de se relacionar com a comunidade. Há necessidade de se preocupar com problemas de caráter social e político, que nos Estados Unidos tinham sido deixados de lado em favor da prática individual, e de recriar um espírito de curiosidade e excitação científica nos institutos psicanalíticos, que chegaram a ser bastante

mecanicistas na transmissão do pensamento. Um fator positivo neste sentido foi a abertura da Psicanálise norte-americana diante da Psicologia, já que ela era quase exclusivamente médica. A Psicanálise oficial tem mudado nos últimos cinco anos, e o fato de que há agora institutos psicanalíticos formados por não-médicos, leigos, especialmente com grande predomínio de psicólogos, acredito que isso irá le-



Os psicanalistas
tendem a não
participar
ativamente, com seu
conhecimento, nas
questões ideológicas
e políticas.



var à criação de novas iniciativas e a mais criatividade, porque o nível do psicólogo nos Estados Unidos é muito alto, a preparação para a investigação científica é alta, ainda que exista também o preconceito de um empirismo relativamente simplista.

Percorso: O isolamento da cultura foi empobrecedor para a Psicanálise?

Kernberg: Sim, a evolução cultural nos últimos vinte anos tem ido claramente contra o espírito individualista e subjetivista da Psicanálise. Bem, este seria um resumo muito geral. Existem também si-

tuações políticas; a associação psicanalítica norte-americana é uma organização muito centralizada. Os institutos psicanalíticos dos psicólogos estão na periferia deste processo e isto cria novas dinâmicas. Uma coisa muito séria é a diminuição da importância da Psicanálise na Psiquiatria americana, e a diminuição do interesse dos médicos americanos em formar-se em Psiquiatria; houve um tempo, faz dez anos, em que 8% ou mesmo 10% dos estudantes queriam ser psiquiatras; este número está agora entre 2 e 3%. Isto também é grave, porque a Psiquiatria tem se transformado em uma psiquiatria simplista de medicamentos, uma epidemiologia simplista, uma psiquiatria descritiva, empobrecida por ignorar as contribuições psicanalíticas. Os DMS 3 e 4 são a meu ver formas e modelos psiquiátricos simplistas, e que os estudantes de medicina estão de forma geral menos interessados.

Percorso: Em um artigo de poucos anos atrás, o Sr. se refere aos riscos de silenciarmos sobre as questões ideológicas e políticas no nosso trabalho como analistas. Como o Sr. vê este problema?

Kernberg: Quando falamos de política e problemas sócio-culturais, estamos falando de uma extensa gama de problemas. Primeiro, problemas sociais e políticos no ambiente que nos rodeia; nos Estados Unidos, por exemplo, o problema de minorias isoladas no centro das grandes cidades, os grupos socialmente em desvantagem, especialmente os negros, cuja cultura tradicional e cujas famílias são destruídas, sem nenhum meio econômico de sair, a não ser através da droga. Com a ruptura do núcleo familiar, meninas adolescentes engravidam, gerando crianças que nascem sem estrutura familiar. Não existem pais; forma-se uma cultura da adolescência violenta e criminosa. Há ainda o problema do aumento da criminalidade, com

criminosos de idades cada vez menores, especialmente nos grupos das minorias sociais; são problemas que têm aspectos legais, psicológicos, políticos, e creio que a Psicanálise tem algo que dizer a respeito.

Em geral há uma tendência dos psicanalistas a não participar tão ativamente com o conhecimento psicanalítico nesta situação. Refiro-me à possibilidade de dar conhecimento científico sobre certas políticas sociais que são úteis, e outras que não o são. Um exemplo muito simples: preocupado diante da delinquência adolescente, a tendência é de início perdoar o primeiro crime, o segundo crime, porém, à medida que se acumulam, finalmente a lei se apresenta muito dura. De um ponto de vista psicológico, esta não é uma boa política; deve-se levar seriamente em conta a primeira ocorrência, o começo do comportamento criminoso, e criar uma estrutura que diferencie quem pode ser tratado de quem não pode. Por exemplo, um maior conhecimento que estamos tendo sobre crianças que se encontram em alto risco de psicopatias (*"children at risk"*). Nos Estados Unidos há contribuições importantes da Psicanálise à observação materno-infantil, com a descrição de patologias precoces, o que poderia fornecer meios de intervir desde muito cedo no cuidado materno-infantil, no momento da entrada na escola, etc. Este tipo de preocupação devia receber uma maior atenção da comunidade psicanalítica; este é um tipo de participação no processo sócio-cultural, participar de problemas que são urgentes e importantes na sociedade.

Outro modo de participar é a utilização da teoria psicanalítica para compreender a manifestação do inconsciente nos fenômenos grupais e sociais. Temos agora uma literatura crescente sobre as

regressões grupais nas organizações, sobre as relações entre as regressões grupais, o desenvolvimento de mitos e ideologias *ad hoc*, e aspectos regressivos das ideologias, ou sobre a relação entre o desenvolvimento normal ou patológico do superego do indivíduo e a entrada deste em ideologias humanitárias ou antihumanitárias. Este é um segundo tipo de preocupação, já no plano

“Aplicar nossos conhecimentos às instituições psicanalíticas nos dará ferramentas teóricas para favorecer a criatividade.”

teórico, no qual acredito ser muito importante a participação da Psicanálise; em minha opinião, ela pode contribuir enormemente. E um terceiro aspecto refere-se à aplicação de todos estes conhecimentos à própria sociedade psicanalítica, à cultura dos institutos e das sociedades psicanalíticas; assim teremos as ferramentas teóricas para diminuir fenômenos autoritários, principalmente para favorecer a criatividade nos processos educativos psicanalíticos.

Percursos: O Sr. poderia nos falar um pouco da sua trajetória de formação, e das influências que

ela teve no seu pensamento atual?

Kernberg: Minhas próprias bases teóricas estão centradas em alguns autores, e, naturalmente, em minha própria formação tive influências; eu trabalhava com os instrumentos que tinha. Sou também vítima das limitações de minha própria formação. Desde muito cedo porém, tive consciência de que isto me limita, e da importância de aumentar as bases de meu ponto de vista. Formei-me no Chile; comecei minha formação psicanalítica sob a influência de Ignacio Matte Blanco, que foi um mestre ideal para mim por toda minha vida. Havia uma forte influência inglesa, que incluía tanto a escola kleiniana como o chamado *middle-group*, e uma preocupação de Matte Blanco era também incluir a Psicologia do Ego americana, apesar de lhe parecer um pouco superficial. Matte Blanco também me introduziu à Psiquiatria Descritiva fenomenológica alemã: obrigou-me a ler os 16 volumes de Bumke. Quando terminei minha formação no Chile, o instituto chileno, sob a influência da Argentina, estava se tornando praticamente kleiniano.

Fui para Estados Unidos por um ano, com uma bolsa da Fundação Rockefeller, interessado em trabalhar com as psicoses, o que me levou à escola culturalista de Frieda Fromm-Reichmann, Sullivan, Karen Horney; foi por aí que estabeleci meu primeiro contato com a psicologia do ego americana. Depois, veio a Fundação Menninger, onde estive durante dois anos e me aprofundi no conhecimento da Psicologia do Ego: estudei Hartmann, Kris, Lowenstein, Rappaport; encontrei pontos de ligação entre a Psicologia do Ego e a Psicologia Britânica, a Psicanálise de Melanie Klein, em Margareth Mahler e Edith Jacobson. Na realidade, estas influíram profundamente em meus esquemas teóricos, chegaram a ser amigos pessoais.

Mas também, através de John Sutherland conheci a obra de Fairbairn, cujo sistema teórico me pareceu muito ligado ao de Jacobson e Mahler, apesar de virem de escolas completamente diferentes. Assim foi criada a base sobre a qual desenvolvi minhas próprias idéias.

Percorso: Como o Sr. vê a Psicanálise francesa, que com outras ferramentas teóricas tem pensado os mesmos problemas clínicos que o Sr. vem trabalhando (patologias narcísicas, casos-limite, patologias de caráter)?

Kernberg: A psicanálise francesa tem me interessado muito, principalmente no que se refere à problemática sexual dos pacientes limítrofes. As contribuições ao estudo da perversão de Chasseguet-Smirgel e Joyce McDougall pareceram-me muito interessantes, assim como as de André Green; os estudos dele sobre patologias do afeto têm ocupado um lugar central em minhas posições teóricas recentes. Passei em Paris dois períodos sabáticos de três meses cada um, baseado nos quais escrevi meu livro sobre as patologias do casal que saiu em português, (*Psicopatologia das relações amorosas*, Artes Médicas, 1995) e que curiosamente ainda não saiu em inglês. Concordo plenamente que os conceitos de Green sobre a pulsão de morte, sobre o narcisismo negativo, e sobretudo os conteúdos de sua última obra, *Le travail du négatif*, são de suma importância. Neste momento, estou comparando as formulações de Green com o que tenho escrito neste campo. Também tenho me interessado muito pelas idéias de Laplanche. Estou fazendo um estudo sistemático de sua obra, justamente porque o que mais me interessa na Psicanálise francesa na prática, neste momento, é o campo da psicopatologia sexual, a concepção do Édipo precoce, do Édipo arcaico, da síntese entre a separação mãe-bebê,

por um lado, e o descobrimento da diferença de sexos e a situação edípica, a cena primária, a angústia de castração, por outro. A posição de Laplanche de que a estrutura edípica não é apenas uma constelação específica dos quatro aos seis anos de idade, como Freud havia pensado, mas sim uma organização estrutural me parece muito fecundo. Tenho o mesmo

“ Há uma espécie de monopólio da literatura em inglês; traduz-se para outros idiomas, porém muito pouco para o inglês. ”

interesse quanto ao conteúdo mental que postula no primeiro ano de vida, com a respectiva crítica de Melanie Klein e também, evidentemente, a crítica da Psicologia do Ego americana. Lacan foi o primeiro a assinalar estes eixos.

Toda a psicanálise francesa, em certo sentido, é uma reação a Lacan; há a crítica, naturalmente, que Green foi o primeiro a fazer, sobre o desconhecimento por parte de Lacan da importância do afeto dentro do inconsciente. Quanto a sua concepção do inconsciente como uma linguagem normal, acredito que seja uma concepção limitada, e neste sentido estou de acordo

com a crítica que Green faz a Lacan. Sobre a técnica lacaniana, tenho sérias reservas. Em todo caso (não sei se respondi à sua pergunta) estou tratando todo o tempo de revisar e ampliar minha perspectiva. Estou mais interessado em desenvolver meu conhecimento e tratar de contribuir nos campos específicos onde tenho experiência, com grupos especiais de pacientes, e não em ter um sistema teórico fechado. Sempre temi um sistema teórico fechado, que aprisiona o autor. Uma das tragédias da Psicanálise é a barreira linguística, o que é um absurdo. Por exemplo, Piera Aulagnier, que para mim é uma das pessoas que mais contribuiu para a teoria das psicoses, é totalmente ignorada nos Estados Unidos, em toda literatura anglo-saxônica. Há o trabalho de David Liberman, por exemplo, sobre os aspectos linguísticos das defesas caracterológicas, que me parece fundamental e é totalmente ignorado pela literatura anglo-americana. Há uma espécie de monopólio da literatura em inglês, e é importante que isto seja revisto: traduz-se do inglês para outros idiomas, porém muito pouco de outros idiomas para o inglês.

Percorso: No Brasil, se traduz muito pouco do que se passa nos EUA...

Kernberg: Também nos Estados Unidos não sabemos nada do que se passa na literatura psicanalítica do Brasil. E como eu não leio português, não posso fazê-lo como faço com o alemão, com o francês, fato que me preocupa, pois isto significa que estou limitado por meus conhecimentos pessoais de idiomas, o que é um absurdo. Deviam existir mais traduções. Esta é uma de minhas preocupações: como favorecer traduções? Tenho me preocupado muito com traduções do francês, nos Estados Unidos. Tive certa influência nas primeiras traduções; agora, felizmente, o campo já está mais aberto, ao menos para certos autores que são

bem conhecidos. Mas para alguns livros que me parecem maravilhosos, é impossível conseguir um tradutor. Por exemplo, um pequeno livro sobre relações de casais, de Michel Fain e Denise Braunschweig: não conseguimos que fosse traduzido para o inglês. Neste momento sei que está sendo traduzido para o inglês o livro *La violence de l'interprétation* de Piera Aulagnier, e existe a certeza de um interesse da Yale University Press para traduzir *Le travail du négatif* de André Green. Sua coletânea *La folie privée* teve muita aceitação, e ele mesmo é bem conhecido. Recentemente, passou uma semana conosco na Sociedade de Columbia dando seminários e aulas. Temos um sistema através do qual convidamos todos os anos, por uma semana, um destacado psicanalista de outro continente, justamente para ampliar nossos horizontes.

Percurso: Em uma de suas publicações, o Sr. demonstra preocupação com a questão do desenvolvimento da criatividade dos analistas; há uma passagem na qual o Sr. chega a propor que a instituição de formação seja uma combinação de universidade com escola de arte. O que seria exatamente combinação?

Kernberg: Veja, eu escrevi um trabalho que apresentei em Lima há dois ou três meses. É um trabalho novo, que tinha como título "*Trinta métodos para destruir a criatividade dos candidatos*". De início o público se chocou um pouco, mas depois "entraram no espírito" (*Risos...*) O que eu havia dito é que em teoria, nosso ideal é uma combinação da escola universitária com escola de arte, enquanto na prática somos mais um cruzamento de seminário teológico e escola técnica. O que me interessa do modelo universitário é a idéia de não ser simplesmente comunicação de conhecimento, mas sim comunicação de conhecimento com uma formação para avaliá-lo criticamente e

para continuar a desenvolvê-lo. Ou seja, não é aprender o que disseram os sábios, não é aprender Freud de memória, mas sim estudar, por exemplo, junto com a obra de Freud, a metodologia do pensamento de Freud, a fim de criar instrumentos no estudante que lhe permitam criticamente estudar estes dados e continuar a desenvolvê-los. Penso que a Psicanálise não é uma teoria completa, acabada, fixa, sobre o ser

“ Em vez de uma combinação de Universidade e escola de arte, criamos um cruzamento de seminário teológico com escola técnica. ”

humano. Neste ponto, discordo profundamente da famosa declaração de 1954 de Kurt Eissler, quando disse que os principais conhecimentos de Psicanálise já estavam definidos. Lembro de um famoso crítico de arte, cujo nome me escapa neste momento, que também nos anos 50 havia dito que com a pintura de Ferdinand Léger se chegava ao fim da pintura.

Então, como ensinar Psicanálise dando uma consciência de onde se está e quais são os pontos que se devem desenvolver? Uma metodologia educativa que está preocupada com

este enfoque ensina de outra forma: já não se preocupa se o estudante aprendeu tudo de memória, mas sim se realmente está *pensando*. Isto significa também que não se trata o candidato como uma criança pequena, que primeiro deve receber o título de analista e ter muitos anos de experiência, para só depois poder ter uma idéia própria. Apaga-se a diferença entre candidato e analista, enquanto os candidatos, ainda que não tenham experiência clínica, podem perfeitamente ter uma experiência clínica, ou em algum outro campo, e adquirir conosco instrumentos teóricos para desenvolver o conhecimento.

Um exemplo concreto: uma candidata do nosso Instituto Psicanalítico de Universidade de Columbia teve dois pacientes com experiências muito intensas de vazio na situação analítica, de falta de conteúdo emocional, de falta de idéias, pacientes não psicóticos, mas com fortes elementos esquizóides, narcisistas e anti-sociais. A candidata preocupou-se com essa conjunção, pôs-se a estudar toda a literatura sobre estes três temas, e desenvolveu uma nova conceitualização da conjunção destas três patologias que a levou a publicar vários artigos. Agora ela já está formada, porém antes, como candidata, contribuiu com textos importantes, ainda que sem muita experiência analítica, mas podendo suprir sua falta de experiência clínica com estudos muito cuidadosos a partir da literatura.

Lembro-me de outro caso. Há muitos anos, num outro instituto psicanalítico, havia um candidato no primeiro ano, um neurologista com ampla formação em teoria de sistemas aplicada ao funcionamento do sistema neurológico. Era um discípulo de Karl Pribram. Ele passou a discutir Freud, no primeiro ano, do ponto de vista da teoria neurofisiológica. Os professores

ficaram bravos, já que era aluno do primeiro ano; como se atrevia a criticar Freud? Após alguns meses, ele acabou se calando. Pensando retrospectivamente nessa situação, a qual presenciei como membro do corpo docente, creio que foi um grave erro educativo: tínhamos ali uma oportunidade que nos traria uma perspectiva completamente nova.

Outro aspecto que me parece importante é o esforço para ter uma organização funcional educativa onde a autoridade que as pessoas têm, a crítica mútua na organização, dependam não do poder do grupo de professores, mas sim das necessidades do ensino. Isto significa que a nomeação de analistas-didatas e supervisores tem que ser feita com critérios objetivos, mesmo sabendo que sempre há política, porém reduzindo-a ao mínimo, na medida em que haja transparência e uma estrutura administrativa inteligente. Não estou idealizando as universidades; sei que há política suja nas universidades, mas em teoria existe a possibilidade de aplicar princípios que reduzam a politização.

É absurdo que os pequenos institutos psicanalíticos tenham mais problemas do que universidades com trinta mil alunos. Em teoria, as coisas deveriam ser mais fáceis do que em um instituto especializado dentro da universidade, onde os níveis de preocupação política são menores. Há uma politização excessiva. Confundimos o funcional com o democrático, este é outro problema: não se trata de democratizar o ensino, mas sim de funcionalizá-lo. Este é um princípio: instituições devem ser regidas democraticamente, mas as tarefas específicas têm que ser organizadas funcionalmente. Não sei se está clara esta distinção. Esta combinação de funcionalidade administrativa e de favo-

recimento à criatividade intelectual conduz a certas implicações, como por exemplo formar profissionais não clínicos, para que conheçam a teoria psicanalítica e possam aplicá-la em seu campo, aplicações essas de suma importância. Por exemplo, para citar nomes, na Universidade de Columbia formamos Ellen Handler Spitz, uma crítica de arte, que

“É absurdo que os pequenos institutos psicanalíticos tenham mais problemas políticos do que Universidades com 30.000 alunos.”

teve uma formação psicanalítica, o que lhe permite aplicar Psicanálise em sua teoria da arte. Formamos Marcia Cavell, uma filósofa que escreveu um livro maravilhoso combinando a concepção psicanalítica com a teoria filosófica moderna, especialmente ao lado de seu esposo Donald Davidson, filósofo norte-americano que se interessou pela intersubjetividade como base da verdade.

Percurso: Dentro do projeto de formação que estamos propondo no Departamento de Psicanálise, esta é uma questão importante. Essa formação, vamos supor de

um crítico de arte, de uma psicóloga social, é a mesma que a de um analista que se dispõe a ser um analista clínico?

Kernberg: Existem alguns aspectos comuns e outros diferentes. Tudo isso deve ser pensado; não há uma receita universal, mas o que fazemos me parece uma forma inteligente. Não digo que é a melhor; é apenas como um modelo para pessoas que se interessam pela Psicanálise como ciência para aplicá-la em seu campo: é um ensino bem completo de teoria psicanalítica. Neste caso, o candidato não participa de trabalhos clínicos, não assume casos clínicos; porém participa de toda a parte teórica, e ainda é estimulado a intensificar seus estudos teóricos, mais além, muitas vezes do que pedimos aos candidatos neste terreno. Assim temos um “*track system*”, uma via especial, pois para formar psicanalistas clínicos é muito importante que estes tenham experiência clínica, não apenas psicanalítica, mas experiência clínica psicológica, psiquiátrica; que conheçam as psicopatologias, que conheçam o terreno de Psicologia normal e patológica além da Psicanálise, para poder diferenciar a Psicanálise do que não é Psicanálise, lidar com crises graves, saber quais são os limites. Portanto, nos preocupamos com o fato de que as pessoas que formamos como psicanalistas tenham uma boa formação paralela, seja em Psicologia Clínica, seja em Psiquiatria Clínica, e nos asseguramos de que tenham esse conhecimento.

Percurso: Aqui no Brasil, as pessoas de outras áreas que buscam conhecimento psicanalítico geralmente o encontram na Universidade...

Kernberg: Bem, na verdade, nos Estados Unidos estes profissionais se formam tanto na universidade quanto no instituto, não exclusivamente no instituto. As duas pessoas que mencionei são professores de universidade, têm seu

próprio meio universitário. O instituto psicanalítico, porém, deveria funcionar neste sentido como uma escola universitária. Isto significa, por exemplo, convidar especialistas de outros campos que estão relacionados com a Psicanálise para ensinar no instituto psicanalítico. Por exemplo, no instituto de Columbia, quando ensinamos depressão, convidamos um importante neurofisiologista, ou um psiquiatra biológico, para nos atualizar sobre as teorias biológicas da depressão, para poder discutir qual é a relação entre determinantes biológicas da depressão e determinantes psicodinâmicas. Acredito que este seja um enriquecimento importante. Outro exemplo: quando ensinamos patologias sexuais, convidamos um especialista em disfunções endócrinas, que estuda a relação entre hermafroditismo e identidade sexual, com o objetivo de enriquecer o pensamento psicanalítico em seus limites. Algumas pessoas tinham medo de que isto pudesse levar a uma diluição da Psicanálise; não penso que seja uma diluição, mas sim um enriquecimento. Cria-se assim uma atmosfera de intenso conhecimento; temos consciência, nos Estados Unidos, de que precisamente neste momento em que a psiquiatria está tão biologizada, quando existem muitos departamentos de psiquiatria onde mal se ensina psicoterapia, que o instituto psicanalítico deve atrair estes psiquiatras em formação para que estudem ali aquilo que não aprendem na psiquiatria. Há institutos que têm cursos de psicoterapia psicanalítica para psiquiatras, uma excelente iniciativa. Os institutos assumem uma função importante, universitária, fora da formação que os psicanalistas têm. Esta é a parte universitária.

Quanto à parte artística, penso que aquilo que é típico das escolas de arte é o ensino dotado da teoria respectiva, e de uma técnica. Ali se procura valorizar um aper-

feiçoamento técnico, e, mais além, permitir a criatividade através da observação, ver como esta técnica é modificada de forma criativa pelas mãos de um artista reputado, conhecer a obra daqueles que trabalham de forma ativa. Os institutos psicanalíticos tinham uma técnica que me parecia absurda, onde sempre os mais jovens expõem seus casos aos mais velhos. Nos seminários clínicos, o candidato

“ Nas escolas de arte, valoriza-se o aperfeiçoamento técnico, vendo como a técnica se modifica pelas mãos de um artista. ”

que tem menos experiência apresenta a quem tem mais experiência; penso que também *os que têm mais experiência devem apresentar*, não apenas o caso único, brilhante, onde o grande mestre resolveu o problema, mas também os trabalhos do dia a dia, onde todo mundo tem dificuldades. Os candidatos têm, muitas vezes, a fantasia de que os grandes analistas sabem exatamente o que se passa em cada sessão, sem se dar conta de que o trabalho analítico é o de experimentar, é um modo de aproveitar, de abordar o material. Algumas coisas vão bem, outras não; é uma

busca em que o paciente e analista juntos buscam a verdade; e o analista não tem qualquer função oracular.

Percorso: Há uma maneira de fazer a supervisão, em que se alimenta esta fantasia: “não é assim”, “é assim”, “está errado aqui, teria que ser assim”, e não há um diálogo em comum no trabalho, um “pensamos juntos”...

Kernberg: É por esse motivo que os analistas mais experientes, os analistas didatas mais velhos, deveriam apresentar casos nos seminários contínuos, não como um segmento isolado, mas sim um caso a longo prazo. Que haja dois tipos de apresentação: de pessoas mais jovens, mas também de pessoas conhecidas, com muita experiência. Isto se faz na França, em todos os institutos francófonos, e também na Alemanha. Tomei conhecimento disso pela primeira vez em visita à Alemanha; nos Estados Unidos isto não se fazia. Isto significa um processo diferente de supervisão, em que o supervisor participa mais com sua própria experiência, em vez de aparecer como sábio; e outra coisa muito importante, que o supervisor tenha a capacidade de relacionar a teoria da técnica com a intervenção concreta. É preciso que o supervisor tenha tanto um conhecimento de teoria da técnica, como a prática que vem com a experiência; não basta ler toda técnica psicanalítica, acreditando ser isto suficiente para poder analisar.

Esta distância entre teoria e técnica e o que se diz ao paciente, é importante que os candidatos a tolerem: isto porque somente de forma gradual ela se vai resolvendo. A supervisão tem função muito importante de produzir esta aproximação. Os supervisores podem ter um contato entre si, para que haja integração potencial na formação total do candidato, em contraste com a tendência dos supervisores a trabalhar de forma muito isolada e sem

relação com os seminários clínicos. Não temos nos preocupado suficientemente com esta integração educativa entre supervisão e seminário. Isto é o que vejo da parte artística.

Além disso, onde se juntam universidade e arte novamente é aprender onde estão os limites, aprender onde há diferentes enfoques, onde há controvérsia. Penso que uma das coisas mais problemáticas é uma espécie de monopólio teórico e técnico em muitos institutos: há uma única técnica. Esse instituto tem uma verdade, e outro instituto tem uma verdade; então a verdade é winnicottiana, kleiniana, da psicologia do ego, da psicologia do *self*, do inter-subjetivismo, em vez de se mostrar aos candidatos que estes são desenvolvimentos contemporâneos de grande interesse, mas que existem controvérsias abertas. Como fazer isto? Nenhum instituto tem um corpo de professores que tenha todos os conhecimentos. *É importante convidar pessoas de fora para completar aquilo que o instituto não tem*, e não há nenhuma vergonha nisso. É importante que os candidatos se defrontem com diferentes pontos de vista, isto é absolutamente fundamental. Por exemplo, temos um seminário - isto foi uma iniciativa de Helen Meyers, psicanalista que durante muitos se encarregou do currículo da Universidade de Columbia - em que um candidato apresenta um caso com duas sessões, e todas as semanas vem um psicanalista de outra orientação, de outra cidade, para discutir o mesmo caso, as mesmas duas sessões. Assim os candidatos vêm como trabalham um kohutiano, um psicólogo do ego, um lacaniano, um kleiniano, um analista inter-pessoal, um analista francês. Isto favorece o espírito universitário, e também o conhecimento da parte artística, da elaboração pessoal. Não faço nenhuma objeção a que se estudem as técnicas isoladas de analistas altamente inspirados; Bion como ideal técnico me parece excelente, mas não Bion como monopólio.

Percorso: O senhor é candidato a presidente da IPA, e a IPA estabelece que para alguém ser reconhecido como analista precisa preencher um certo número de requisitos e submeter-se a uma coisa chamada de análise didática. Como vê as relações da IPA com instituições como a nossa, ou com pessoas analistas, como Piera Aulagnier, por exemplo, que não são da IPA? Essas pessoas são analistas ou não são?

“Independentemente do grupo a que pertençam, pessoas que contribuíram de forma importante para a Psicanálise devem ser ouvidas.”

Kernberg: Penso que não é apenas *um* problema; são *vários* problemas. Naturalmente, existem instituições que formam analistas fora da IPA, e o exemplo que você deu é muito bom. Piera Aulagnier, que teve a formação lacaniana e em seguida se desiludiu com Lacan, formou o *Quatrième groupe*; suas contribuições são sumamente importantes. É evidente que, em minha opinião, pessoas que contribuíram de forma importante para a Psicanálise, independentemente do grupo a que pertençam, devam ser convidadas, devam ser ouvidas e devemos participar com elas. Se

isto ocorresse com Piera Aulagnier, que era psicanalista, cuja experiência clínica e conhecimentos eram indubitáveis, com mais razão! Penso que, neste sentido, é uma estreiteza institucional não convidar, não ouvir, não estudar uma pessoa que possa contribuir de forma muito importante com conhecimentos.

Quanto ao segundo aspecto, quando se trata de grandes grupos de pessoas formadas em outra associação, então se coloca a pergunta: por que não aceitar as credenciais de formação destas pessoas, aceitar que são psicanalistas tanto quanto se tivessem formado sob os critérios da IPA? Penso que, neste sentido, se justifica que a IPA apenas garanta o trabalho de pessoas formadas por ela; deste modo, acredito que não se possa pedir-lhe que aceite formações que não estejam dentro do seu padrão (“*standard*”). O terceiro problema é já de ordem institucional: o que a IPA pode fazer para relacionar-se com outras instituições que apresentam diferenças no método de formação? Este já um processo institucional-político. Acredito que, em princípio, se a IPA pudesse atrair outras organizações psicanalíticas e assegurar-se de que os padrões de formação destas instituições sejam elevados até atingir o nível da IPA, isto seria muito conveniente.

Percorso: O que o Sr. entende por padrões de formação?

Kernberg: Aquilo que chamamos padrão (“*standard*”) são critérios mínimos de formação, não são padrão no sentido de dizerem o que esperamos o que possa fazer um psicanalista. A IPA tem que se preocupar em estabelecer realmente padrões de funcionamento profissional. Isto não é fácil, exige a comparação de analistas formados em diversos institutos, com diversos modelos, e ver o que se espera, seja qual for a escola teórica, o que esperamos no nível do funcionamento clínico. Este é um verdadeiro padrão, e esse não temos. É perfeitamente possível que

alguém passe por todo um instituto e não seja bom analista.

Percorso: Mas aí, como existe o padrão de formação da APF, que está dentro da IPA, mas ao mesmo tempo é totalmente fora dos padrões comuns?

Kernberg: Existem no seio da IPA instituições que têm uma metodologia de formação muito diferente da metodologia padrão Eitingon. Eitingon, em 1920, desenvolveu em Berlim o esquema tradicional: a análise didática, a supervisão, os seminários. Na França, desenvolveu-se um sistema alternativo. A forma mais pura deste sistema alternativo é o da "Association Psychanalytique Française": não existe analista-didata, mas a análise pessoal é um requisito para se ser aceito. Os seminários são para membros e candidatos; não existe currículo, e os seminários têm por objetivo desenvolver o conhecimento. A supervisão é muito intensa, ampla e profunda, e não o currículo.

Nesta situação há vantagens e desvantagens. As desvantagens: é muito elitista, porque, como o candidato aceito é imediatamente um colega, são aceitas pelo supervisor as pessoas que mais lhe agradam; segundo: é muito longa, o analista vai se graduar quando já estiver muito velho. Terceiro, apesar de que uma intenção fundamental é evitar o autoritarismo e o poder excessivo do analista didata, com o que estou totalmente de acordo, não se evita totalmente o problema, porque os supervisores adquirem esse poder e muitos tratam de se analisar com supervisores antes de chegarem a ser candidatos para serem aceitos. Ou seja, tem seus pontos positivos e seus problemas. Porém, em geral, como concepção educativa e como método de formação, parece-me excelente.

Este método, em parte, também está sendo aplicado na "Société de Paris" e em Montreal ainda que de

forma mais "combinada". André Green está bem dentro do espírito deste ponto de vista; afirma que o analista-didata exerce poder real, não apenas imaginário, e quando se exerce um poder real sobre o candidato é inevitável que o candidato, ao identificar-se com seu analista, por sua vez adquira uma atitude de poder que irá influir em seu próprio trabalho analítico.

Penso que, neste momento, a

“ Uma função importante da IPA é realizar estudos comparativos sobre a metodologia da formação. ”

IPA acomodou o modelo francês como critério burocrático: toda metodologia de formação que data de antes de 1975 foi aceita. É um critério burocrático. Minha opinião é que devemos estudar as diferenças de metodologia para ver qual é o efeito sobre a qualidade dos analistas que produzem. Os problemas do modelo Eitingon foram vistos em todo mundo. Tem havido esforços no sentido de corrigi-lo, por exemplo, mudando os métodos de escolha de analistas-didatas, tratando de torná-la mais funcional. A meu ver, temos que estudar os efeitos dos distintos modelos, temos que ter

pequenos fóruns em que possamos ver como funcionam as pessoas que se graduaram dentro destes modelos; comparar, e sobre esta base estabelecer padrões e critérios de formação. Temos que favorecer uma multiplicidade de metodologias educativas. Acredito que realizar estudos comparativos de metodologia educativa é uma função importante da IPA.

Último problema: como desenvolver a Psicanálise onde esta não existe e onde existem culturas totalmente distintas. Temos evitado este problema até aqui, temendo confrontar com nosso método oficial eitingoniano de formação com uma realidade social e cultural totalmente distinta das ocidentais. Por exemplo, no Japão, onde culturalmente uma pessoa que esteja em uma relação de estudante-professor prossegue com esta dependência por toda a vida. O que significaria estar quatro sessões por semana em análise, sob essas condições? Pode-se resolver a dependência nesse processo analítico? Outro exemplo: como desenvolver a Psicanálise em sociedades turbulentas e desmoralizadas, como é a Rússia neste momento? Onde há sete ou oito analistas com um enfoque muito restritivo de seus diversos potenciais, o que podemos fazer? Até que ponto a informática moderna vai nos levar a complementar nossos seminários? Penso que tudo isso deve ser estudado em conjunto.

Percorso: Na APF, por exemplo, não se exige um número de sessões; não é obrigatório, não faz parte do padrão da APF ter quatro sessões por semana. Uma seria muito pouco; por que não três ou cinco, por que absolutamente quatro? O senhor veria como uma questão de tradição, ou há uma justificativa teórico-clínica sólida, que não seja um pretexto?

Kernberg: Não há nenhuma investigação empírica sobre o efeito de três, quatro, cinco ou seis sessões por

semana. Não temos investigações empíricas, mas a experiência clínica é clara no sentido de que uma frequência de quatro ou cinco sessões por semana dá uma intensidade de regressão que é ótima para uma formação psicanalítica. Minha impressão, e esta corresponde à minha experiência pessoal, é a de que se pode fazer análise de pacientes com três a quatro vezes por semana, e tenho feito análises com três vezes por semana. Com alguns pacientes caminham muito bem, porém com outros não. Nas estruturas com regressões mais fáceis, como as estruturas histéricas ou neuróticas, creio que seja possível a análise de pacientes com três vezes por semana; já com pacientes de estrutura narcisista é muito difícil; as resistências contra o aprofundamento de transferências são muito intensas, e quando há menos de quatro sessões, o trabalho fica enormemente dificultado. Em minha experiência, com duas sessões por semana não se pode fazer psicanálise, e, ainda segundo minha experiência, com uma vez por semana não se pode sequer fazer psicoterapia psicanalítica. O método de psicoterapia psicanalítica que tenho desenvolvido exige como mínimo, em minha experiência clínica, duas sessões por semana.

Falei até aqui de tratamentos de pacientes; na formação de candidatos, acredito que seja ideal que tenham uma experiência pessoal analítica ótima e, dentro deste ponto de vista, a base de quatro sessões por semana se apóia em critérios sólidos de experiência clínica, não é arbitrária. Fui membro do comitê que estabeleceu este padrão, comitê dirigido por Janisse de Saussure, e estou plenamente convicto de que isto foi feito através de critério científico, e não burocrático ou persecutório-institucional. Tendo dito isto, dou-me conta de que a formação francesa é em geral com três sessões. Na APF,

em muitos casos, não haviam sido feitas quatro sessões por semana; no entanto, assim se formaram excelentes psicanalistas, pois a meu ver, evidentemente, há outros aspectos da formação total tão intensos que suprem a diminuição de sessões. As análises da APF são muito longas, e os analistas da APF assinalaram que análises muito longas complementam, suplantam ou

“Ninguém pode se fechar em uma análise pessoal hermética: estamos obrigados a olhar para fora e para dentro.”

substituem a intensidade. Esta é uma consideração que temos que levar muito a sério.

Percurso: Quando se pensa em padrões profissionais, não de formação, quem deve pensá-los? Não seriam todas as instituições que investem em projetos de formação de analistas, neste momento?

Kernberg: Esta é uma pergunta que tem mais a ver com o aspecto social de regulamentação de profissões do que com questões teóricas, pois acredito que a IPA tem perfeitamente o direito de estabelecer seus próprios padrões da profissão e exigir isto de seus

analistas. É a sociedade quem tem que decidir se estes padrões são aceitáveis para todos, ou quais são os padrões aceitáveis para a sociedade. Colocando da forma mais simples: eu, pessoalmente, formei-me por quatro sessões por semana, tenho feito análises em candidatos com quatro sessões por semana, e estou muito acostumado e muito contente com este sistema. Sou muito crítico com os aspectos autoritários do modelo de Eitingon e por isso, tenho muita simpatia pelos modelos alternativos e me interessa saber como fazem. Tenho uma experiência.

No fundo quero trabalhar como quero trabalhar, quero ter o espaço de ver meus pacientes e não quero que a sociedade me controle; me regule. Há muitos psicanalistas que se ressentem contra a IPA, contra a burocracia, e contra a regulamentação, porque sentem que a verdadeira Psicanálise ocorre quando se está só na sala com um paciente: não se pode imaginar Bion negociando com funcionários estatais os critérios da Psicanálise. Está claro o que quero dizer? Bion não participaria disso.

Por outro lado, para que Bion possa sobreviver, a instituição tem que criar um marco que dá esta liberdade a analistas individuais. Isto significa uma atitude política; ninguém pode se fechar em uma análise pessoal hermética, como se não dependesse das forças que o rodeiam. Estamos obrigados a olhar para fora e para dentro, e combinar a realidade psíquica com a realidade social. Há uma dialética entre as condições reais e os valores essenciais; até que ponto alguém pode transigir para sobreviver, ou até que ponto não vale a pena transigir, correndo o risco de desaparecer ao invés de vender as coisas essenciais. Sou realista, porém ao mesmo tempo dou-me conta de que por trás do realismo está o perigo do oportunismo, e temos que manter uma ética profissional que nos defenda...